



des-lou

Organizadores

Juliana Cristina Pereira
Davi de Codes
Eduardo Silveira
Elisa Helena Tonon
Gizelle Kaminski Corso
Leandro Belinaso Guimarães

Des-loucar-se

Livro I

Biblioteca Central
Campinas, SP
2017

Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos
(Bibliotecário)

Texto, editoração e acabamento

Juliana Crispe
Campinas – SP

Tiragem

E-book

Registro do ISBN

Biblioteca Central – UNICAMP

Foto da capa

Juliana Crispe

Revisão textual e bibliográfica

Elisa Helena Tonon, Gizelle Kaminski Corso

Organizadores

Juliana Cristina Pereira, Davi de Codes,
Eduardo Silveira, Elisa Helena Tonon,
Gizelle Kaminski Corso, Leandro Belinaso
Guimarães

Catlogação na Publicação (CIP) elaborada por
Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

D45 Des-loucar-se / organizadores: Juliana Cristina Pereira... [et al.]. -
Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2018.
2 v.

Livro 1: ISBN: 978-85-85783-78-5

Livro 2: ISBN: 978-85-85783-80-8

1. Climatologia. 2. Subjetividade. 3. Cidades e vilas antigas.
4. Arte e literatura. I. Pereira, Juliana Cristina (Org.). II.
Título.

18-004

20ª CDD – 551.6

Impresso no Brasil

1ª edição – 2017

ISBN: 978-85-85783-78-5 (v.1) / 978-85-85783-80-8 (v.2)

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto n.º 1.825 de 20 de dezembro de 1907. Todos os direitos para a língua portuguesa reservados para o autor. Nenhuma parte da publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização por escrito do Autor. O código penal brasileiro determina, no artigo 184: "Dos crimes contra a propriedade intelectual: violação do direito autoral – art. 184; Violar direito autoral: pena – detenção de três meses a um ano, ou multa. 1º Se a violação consistir na reprodução por qualquer meio da obra intelectual, no todo ou em parte para fins de comércio, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, ou consistir na reprodução de fonograma ou videograma, sem autorização do produtor ou de quem o represente: pena – reclusão de um a quatro anos e multa. Todos direitos reservados e protegidos por lei.



des-lou

des-loucar-se I

Fran Favero, Juliana Crispe, Moro Rodríguez

Org: Juliana Cristina Pereira, Davi de Codes, Eduardo Silveira, Elisa Helena Tonon, Gizelle Kaminski Corso, Leandro Belinaso; - Desterro

Escrever(-se)... da emergência de um comum e da exacerbação do “nós”

Todo livro reclama uma vida. Uma vida que diz dos mil gestos que envolvem o tornar-se digno do chamado a escrever, que diz da necessidade de exercitarmos a escrita como arte de pedir licença para escutar uma vida em nascença constante, fugidia, deslucada. E se as faíscas lançadas atizam desejos além de nós – “... Como escrever se entregando às forças frágeis e inumanas que habitam a cidade? Como escrever por dentro da chuva, do vento...” (Textualidades babélicas e Tecendo, 2016) – é porque escrever é um gesto de irromper-se e deixar-se habitar pela turbulência e instabilidade constante dos mundos. Um gesto de acolher a instauração no papel de uma condição climática do pensamento que não está dada, mas que pede constantemente passagem e exige uma disponibilidade para o acontecimento. Exigência que, por sua vez, impõe um desapegar-se dos projetos, desenvolvimentos e aplicações (Deligny, 2015), já que o convite é para devorar materiais, ser devorado por eles, e lançar-se em escritas inúteis, sem finalidade, mas que não abrem mão de vazar perspectivas que escapem às posições e coordenadas localizáveis, de tecer experiências perceptivas nunca experimentadas. Escritas que abandonem o cosmopolitismo e sejam arrastadas por uma cosmopolítica (Latour, 2014; Stengers, 2014), ao preferirem não ocupar o lugar do outro, nem serem parte de um todo maior, já dado e reconhecível, ao celebrarem ecologias aberrantes e proliferarem alianças improváveis e bem sucedidas, ao nos darem a alegria de experimentar dimensões humanas mínimas. Escritas que reacendam a necessidade de neutralizar a centralidade do humano, ao reativarem as forças não humanas e sobrenaturais das coisas e seres e mundos, ao reanimarem a atenção à vida de palavras, imagens e sons e, ao mesmo tempo, comporem, de muitos modos, quem e o quê somos “nós”. A cada texto um “nós” é abalado, perdido, reconfigurado, sabotado, rearticulado e reinstaurado. Isso porque escrever nada tem a ver com dar a ver e ouvir o que somos e como

vivemos, com sermos bem representados, com o oferecimento de testemunhos de nossas vulnerabilidades, ou, ainda, com a catástrofe generalizada da opinião e da informação. Antes, escrever tem a ver com uma catástrofe de outra natureza, sempre experimental, que atinge igualmente a terra, o corpo, o pensamento, o papel e a escrita: a catástrofe de estar junto, de compor um comum, de criar uma causa comum. Tal evento extremo tem a potência de produzir cortes irracionais na continuidade e regularidade do tempo político dominante e abrir todo um novo campo de possibilidades dissensuais, todo um novo terreno sensível. É como se a escrita convocasse não a representação de um “nós” preexistente, mas um delírio, a cada vez diferente, de um “nós”, que nos lança para além do que somos. Como se ela, a escrita, fosse se limpando de “nós”, se tornando independente de “nós”, de “nossos” falsos problemas. E, também, como se no escrever acontecesse conosco uma espécie de escrever-se. Talvez se possa pensar nesse escrever-se como a inscrição em “nós” de algo que possui uma estranha e perturbadora vida: a escrita. Inscrição que nos complica, ao implicar-nos diferentemente no mundo e fazer de “nós” algo aberto e indeterminado. Um duplo processo generativo, não intencional, que se efetua ao fazermos corpo com a escrita, como se passássemos a conviver também com problemas das linhas, do papel, da tinta, dos traços, curvas, cores, aromas, desvios, rugosidades, sinuosidades, oscilações... Como se fossemos tomados pelas relações móveis entre coisas-olhos-seres-mãos-lápis-sons-letras-papéis-bocas-luzes e aprendêssemos – não se sabe bem como – a nos juntar ao mundo, ao invés de recuperar cadeias de conexões em rotas habituais e já traçadas. Como se, de repente, deixássemos silenciar os olhos e respirássemos os enredamentos invisíveis que, aos poucos, vão se intensificando e improvisando entre todas as coisas do mundo. E, por meio de gestos insubordinados, nos instalássemos em meio aos trânsitos infundáveis e frenéticos de sentidos imprevisíveis, que não cessam de brotar e nunca se estabilizam, e dão expressão à potência de uma escrita de futuro. Ou ainda, como se fôssemos arrebatados

por uma espécie de entrega infindável às turbulentas transas entre-reinos – das coisas, das plantas, do ar, dos animais, das águas, dos minerais, das máquinas, dos sonhos... –, e víssemos surgir arquipélagos de sonoridades vertiginosas, e mergulhássemos nas zonas aquosas das indiscernibilidades, onde as questões estéreis derivadas das dicotomias sujeito-objeto e real-ficção são suspensas. Se a cada escrita um “nós” é delirado, é porque escrever é um modo de compor e de variar o humano, é também um modo de combatermos a nós mesmos, de combatermos o “nós” e o “mesmo”. Escrever é um modo de não se satisfazer com as descrições que querem retratar e gerenciar nossas misérias, de não se demorar nas denúncias ressentidas, nem nos lamentos das perdas. Escrever é um modo de avivar a percepção de que é preciso fazer brilhar novamente as nossas capacidades de agir, de perceber e de estar junto das coisas-seres-do-mundo (Stengers, 2015); de que é preciso encontrar e produzir modos de rebrilhar a nossa capacidade de escrever(-se). E isso se faz não dizendo como deve ser feito, mas instaurando no papel, na tela, na vida, um campo de práticas vivas, que abrem infinitos na ação e percepção (Lapoujade, 2015). Práticas que alimentam e propagam sistemas de multisolidariedades, transconviveres e cocriações, que fazem existir novas populações e, simultaneamente, devolvem ao humano a possibilidade de existir como um emaranhado cosmopolítico em infindável transmutação. Escrever não como quem explora as oportunidades, mas como quem responde a um chamado cósmico e sabe que há uma dimensão ética em sermos dignos do que nos acontece. Um chamado cósmico não pede soluções – como se a nós coubesse somente o gesto de dar respostas aos problemas já postos – mas sim honrar o problema: a saber, aqui, o de escrever(-se). O chamado não termina com o livro, pois há que se seguir abrindo uma escuta para pluridirecionalidade do chamado, porque se trata de um convite a uma escuta de si, uma escuta da cidade, do corpo, da Terra, uma escuta da vontade de vida que está tristemente subjugada pelas “nossas” intencionalidades reelaboradas incessantemente pelo capitalismo. Não se pode

“perder a chamada” – “Não podia perder tempo, era hora de brilhar!” – e, para isso, é preciso seguir “deslucando-se”, “perder o controle”, “sabotar tempos”, jogar “Tudo ao mar”. Deixar-se ali onde “areias do vento, esfregam em olhos”, onde “O ar ria” e “Vento. Verde e cinza”. Para, só assim, “experimentar a condição vulnerável de nossos corpos”, perceber “o lençol como espaço nômade”, atingir “as intimidades dos seres”, alegrar-se com as “cidades que eu costurei entre nuvens”, sentir que “são as imagens que dançam e se encontram”. E alguém pode perguntar: “Então vai ser como sonhar?”, “e todos os sons juntos falavam ao mesmo tempo”: “Uí-ó Trrrrrrréééééé”, será como “uma entrega para os mundos”, “Podia ser muitas coisas. Podia criar muitas coisas”, “Os caminhos eu guardo comigo”, “Não pude evitar as mudanças!”. E “nós”?

(ar)ris

cam

(n)inhos

ou outros

pousos

Susana Dias

Líder do grupo de pesquisa e criação multiTÃO, pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp e editora a Revista *Clima Com* <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>>, que teve a honra de acolher e repercutir a chamada para este livro, aberta pelos grupos “[Textualidades babélicas](#)” do Instituto Federal de Santa Catarina “[Tecendo](#)” do Programa de Pós-Graduação em Educação, da [Universidade Federal de Santa Catarina \(Ufsc\)](#).

Bibliografia

DELIGNY, Fernand. O aracniano e outros textos. Trad. Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LAPOUJADE, D. Deleuze, os movimentos aberrantes. Trad. Laymert Garcia dos Santos. Rev.

Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LATOUR, B. ¿El cosmos de quién? ¿Qué cosmopolítica?: Comentarios sobre los términos de paz de Úlrich. Pleyade, Dossiê “Cosmopolíticas”, n. 14, jul-dez. 2014, pp.43-59.

STENGERS, I. La propuesta cosmopolítica. Pleyade, Dossiê “Cosmopolíticas”, n. 14, jul-dez. 2014, pp.17-41.

STENGERS, I. No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima. Trad. Eloisa

Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naif, 2015.



























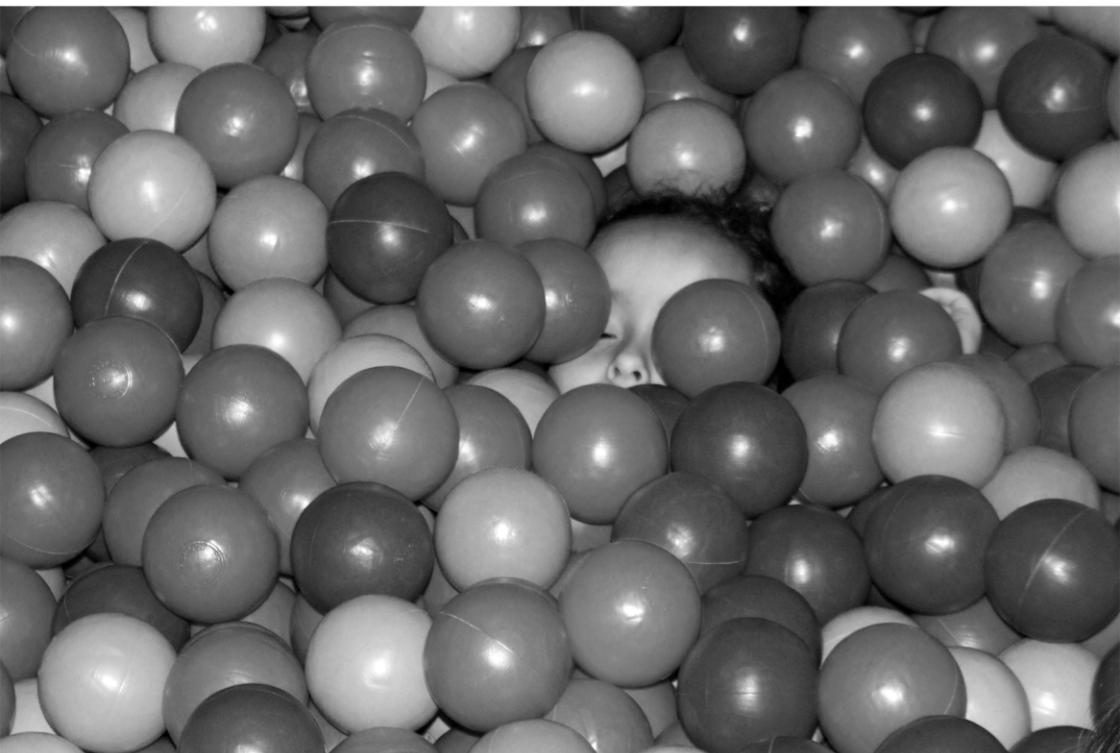


















A T A P O N K A

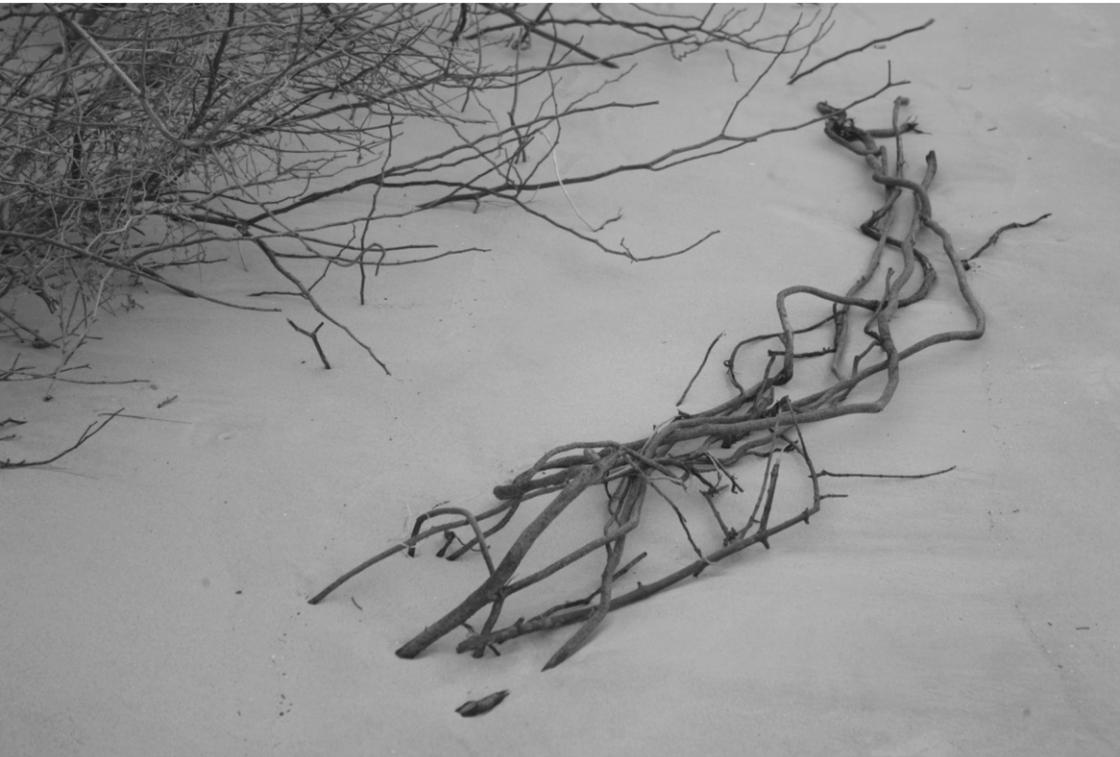


A T R A V E S S A R

A dark, atmospheric landscape photograph, possibly of a coastline or a vast plain, with a hazy, overcast sky. The word "FRONTERAS" is centered in the middle of the image in a light, serif font.

FRONTERAS









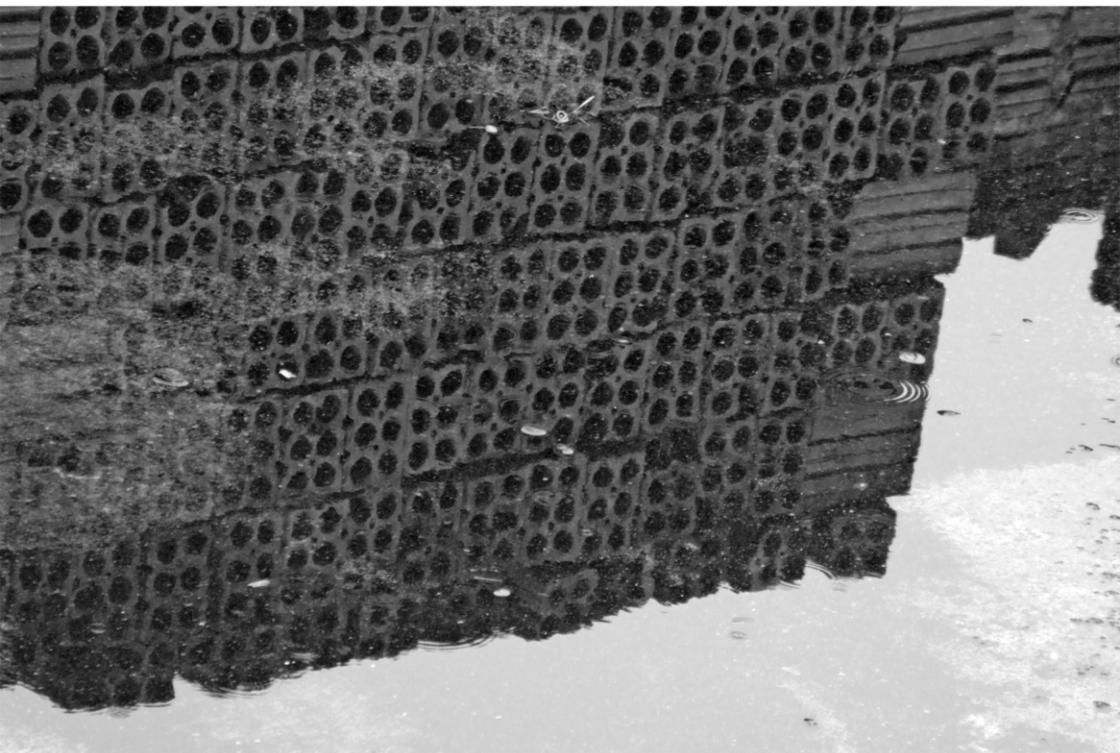




















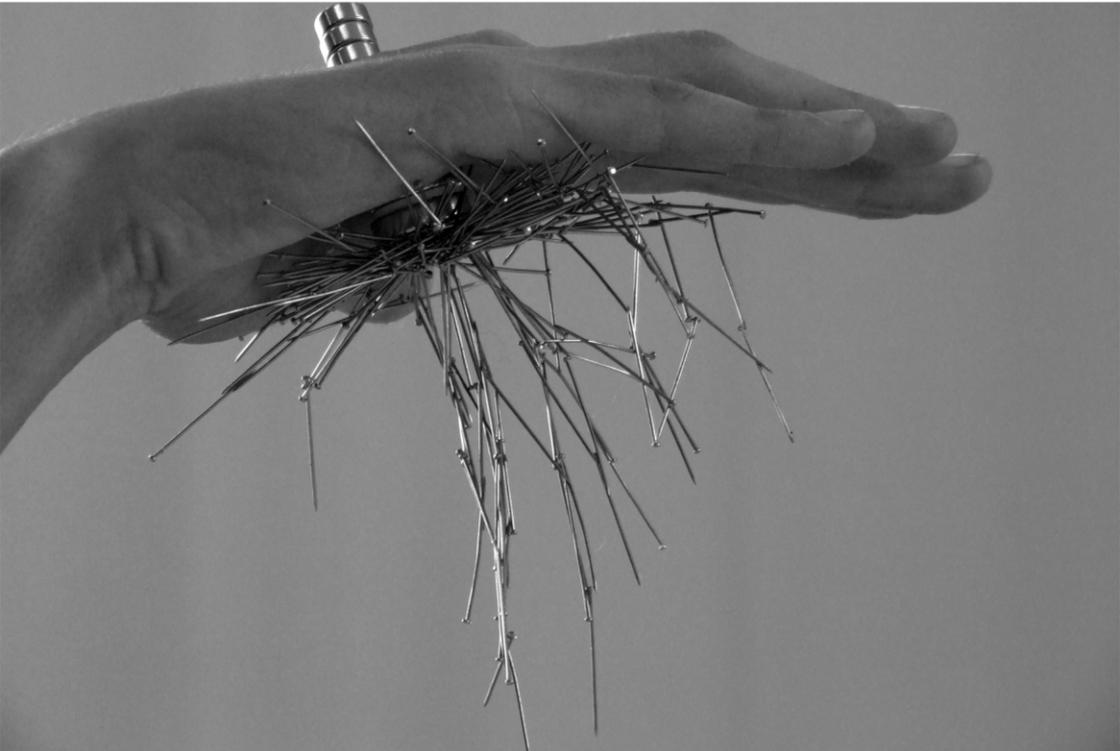










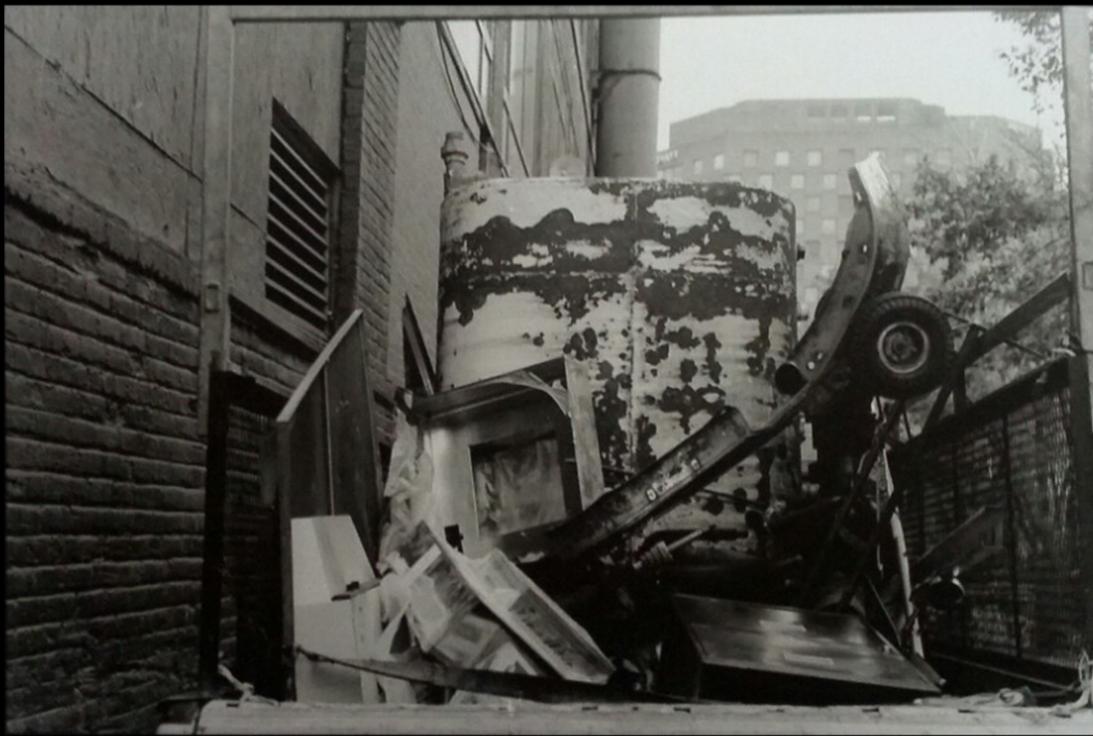
































60 70
2300

TELA
CORRECT
Anti-Flea
Branco
Vulva
Vulva

EVON



0 60 X 070

TELA-CORART
MADE IN ITALY

53



